

# VIAGENS E LINGUAGENS EM *O Mundo Alucinante* DE REINALDO ARENAS

## Análise de um novo romance histórico

Suellen Rodrigues Rubira\*

### Índice

Introdução	1
1 O novo romance histórico	2
2 Considerações sobre <i>O mundo alucinante</i>	5
3 A viagem como elemento integrador	6
4 As múltiplas linguagens do mundo	8
Conclusão	10
Referências	11

### Introdução

**O** PRESENTE TRABALHO se propõe analisar a estrutura composicional do romance *O mundo alucinante*, em relação ao qual será discutida a viagem como elemento semântico e estruturador bem como o discurso narrativo e o dialogismo presente na obra. Após uma breve explanação sobre o romance, o autor e seu contexto de produção, os pontos estruturais supracitados serão estudados a partir de uma fundamentação teórica sobre a relação entre literatura e história, o

romance e o novo romance histórico, além das abordagens pós modernas na narrativa.

*O mundo alucinante* é um romance do escritor cubano Reinaldo Arenas, publicado em 1966. Em meio a um clima altamente favorável para as letras latino-americanas, levando em conta o *boom* editorial verificado a partir da década de 60, Arenas expressa nessa obra o seu descontentamento com os rumos da revolução cubana de 1959, além de colocar em prática a sua visão sobre a própria história oficial, desconstruindo-a a partir da ficcionalização da figura de Frei Teresa Servando de Mier, cuja identificação é declarada abertamente no início do livro: “o mais útil foi descobrir que tu e eu somos a mesma pessoa.” (Arenas, 2000:21)

A história, contada sob o ponto de vista de três narradores distintos, se passa no período de revoluções pela independência na América Latina, mais especificamente no México. Para o desenvolvimento da narrativa, o personagem de Frei Servando se mostra essencial por seu valor determinante no episódio de independência do povo mexicano. O deslocamento do protagonista por terras européias e norte-americanas serve de fio condutor para o entendimento da busca

---

\*Mestranda do Programa de Pós Graduação em Letras- História da Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Trabalho realizado para a disciplina de Literatura e História, ministrada pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Carmen Marcelo Perez.

pelos ideais em tempos em que o nacionalismo se fez tão forte na fundação dos Estados.

Arenas, através de diversos processos discursivos, tais como: carnavalização, paródia, heteroglossia e intertextualidade, ficcionaliza a vida de Frei Servando de Mier, um homem que, em sua percepção, foi pouco valorizado mesmo com tamanha influência e responsabilidade no processo de emancipação do México. A partir daí, o autor cubano lança um olhar diverso sobre a história dita “oficial”, pois percebe que as desventuras vividas pelo frade são as mesmas que a sociedade de Cuba experimenta em tempos de revolução. Os limites que distinguem o dado histórico oficial, o qual defende seu estatuto de realista, da ficção são ultrapassados principalmente quando o autor aplica ao romance a noção do real maravilhoso – proposta por Carpentier – hiperbolizando situações vividas pelo protagonista, além de outros recursos inerentes ao novo romance histórico que são distintos daqueles aplicados pelo romance histórico tradicional, como carnavalização, intertextualidade e dialogismo, para citar alguns.

Ainda, ao considerar o momento em que surgem as discussões sobre pós-modernidade e novo romance histórico, pode-se constatar que *O mundo alucinante* é uma obra que antecipa o cerne das discussões tanto do pós-modernismo quanto da nova narrativa histórica.

## 1 O novo romance histórico

Antes de abordar as teorias sobre o novo romance histórico, é necessário fazer algumas considerações a respeito da complexa relação entre literatura e história, duas ver-

tentes cujas dificuldades em se afirmarem científicas ainda são recorrentes.

O século XIX pode-se dizer, é o grande momento de crise nas ciências, principalmente nas humanas. A história, até então considerada uma ramificação de um sistema maior chamado literatura, acompanhada pela filosofia, sociologia e outras correntes, separa-se da condição de coadjuvante e reclama o seu caráter específico de ciência cuja finalidade é voltar seu olhar para o passado e poder descrevê-lo objetivamente.

A partir daí, cria-se uma aura de verdade sobre tudo aquilo comprovado pela História, pois é esta a disciplina que detém as provas documentais necessárias para endossar o passado ocorrido, enquanto a literatura fica relegada a um plano da mentira, da não verdade, do que não ocorreu, mas sim, que poderia ter ocorrido como bem ressalta Aristóteles em sua *Poética*.

O conceito de verdade se mostra complexo e gera discussões até mesmo dentro do campo da História, o que, em termos gerais, alivia a literatura do estigma de contar uma “mentira”. Na realidade, a literatura não reivindica um caráter de reprodução fidedigna da realidade (não considerando a pretensão dos romancistas do realismo), mas ao tratar dos fatos históricos nos romances denominados históricos, sob outro prisma, quer estabelecer a sua verdade possível. Se considerarmos o conceito de Saer (2004), a ficção é o próprio processo de criação, no qual a verdade não entra em oposição com o ficcional, nem se estabelece uma hierarquia entre esses dois elementos, mas a ficção agrega a “verdade” e o que não é verdade.

Sendo assim, a literatura não entra em choque com os compromissos e dilemas dos

historiadores: passeia livremente sobre os campos do que é factual e das diversas possibilidades, havendo então a possibilidade de tomar uma parte da história como matéria prima, o que ocorre nos chamados romances históricos. Especificamente no contexto da América Latina, é importante a observação de Fernando Aínsa em seu ensaio *Nueva novela histórica y relativización del saber historiográfico*, no qual ressalta a condição de colônia como um fator que colaborou com a ficcionalização no processo de construção da história oficial:

“En la América Latina, esta relación es evidente. La ficción ha sido el complemento necesario de la historia de las Crónicas y Relaciones del período de la conquista e colonización, cuya vocación literaria se reconoce no solo a nivel de la lectura lingüística contemporánea, sino de la intención literaria de sus autores.” (Aínsa, 1996:10)

Passando à análise do gênero de romance o qual é objeto de estudo neste trabalho, primeiramente, se faz necessário entender o romance histórico tradicional para então, se estabelecer aspectos específicos que possibilitaram o surgimento de um novo romance histórico.

Em um sentido amplo, pode-se afirmar que todo o romance é histórico, pelo simples fato da narrativa se desenvolver em um determinado espaço em um decorrer de tempo, captando o ambiente social vivido pelas personagens, mesmo as mais introspectivas, como bem aponta Menton (1993) em seu ensaio sobre o novo romance histórico. Outra

característica inerente ao gênero é o distanciamento do autor em relação à época que está sendo narrada, definição buscada em Anderson Imbert. Assim, no século XIX, movido pelo espírito do Romantismo, obras classificadas sob o selo de romance histórico, tratavam de personagens cujas aventuras vividas tinham como função despertar um sentimento de nacionalismo, politicamente motivado, num tempo em que se formavam os estados nacionais. Em geral, as figuras protagonistas do romance são fictícias, dando “voz” aos que não tiveram espaço na História.

Complementando a definição de Imbert, é importante como Carmen Marcelo aborda o romance histórico para além da questão do distanciamento temporal entre acontecimento histórico que se ficcionaliza e autor que produz uma obra:

“La novela histórica, y en esto concuerda la perspectiva de todos los tiempos, es aquella que acude, con una perspectiva histórica suficiente en si misma, a la presentación de procesos históricos, sociales, económicos, políticos e ideológicos de un pasado anterior al escritor. Dicho pasado condiciona el distanciamiento necesario para interpretar los hechos, lo que implica determinar qué dimensión de tiempo sea necesario calcular, algo que algunos han tratado de fijar.” (Perez, 1993:5)

O novo romance histórico, por outro lado, é o gênero que além de apresentar um distanciamento entre a época vivida pelo autor e o momento histórico narrado apresenta

ainda as seguintes características, apontadas no artigo de Menton (1993): a subordinação da reprodução mimética de determinado período histórico; a distorção consciente da história, bastante utilizada por Arenas em *O mundo alucinante* como se verá a seguir com a análise do romance com relação a esses aspectos; a ficcionalização de figuras importantes, nesse caso, a figura do próprio Frei Servando, além de outras personagens mesmo que coadjuvantes como Simon Bolívar, entre outros; a metaficção, a intertextualidade e, por fim, os conceitos bakhtinianos do carnavalesco, do dialógico, a paródia e a heteroglossia.

Entretanto, não se pode perder de vista outro conceito importantíssimo no que concerne o romance de Arenas: a narrativa não surge apenas em um momento de intenso cenário otimista para as letras da América Latina, como é fruto de um contexto no qual já se iniciam as manifestações e discussões sobre um novo panorama projetado socialmente: o pós-modernismo.

O termo é bastante complexo, dividindo a opinião de estudiosos, muitos, nem chegando a crer que se esteja vivendo em uma era pós-moderna, uma vez que as questões ditas modernas ainda estão em aberto.

Umberto Eco (1985), em seus apontamentos sobre *O nome da rosa*, alega que o pós-moderno pode ser definido como um “modo de fazer”, resultando sempre em uma ironia com relação ao passado ao qual se refere. Fredric Jameson (1997) vai mais além e, a partir de considerações sobre a nova configuração da sociedade contemporânea, mostra que o pós-moderno não é apenas paródia, mas também *pastiche*, tocando nos processos chamados por ele de “canibalização do

passado”, e na ideia de simulacro fotográfico. Jameson não pensa no pós-moderno como algo estritamente literário, mas para o teórico norte-americano, o pós-modernismo é uma maneira de pensar a cultura, pertence a um período pós anos 60, portanto, datado.

Vale ressaltar, então, a diferença de perspectivas a partir do pensamento dos dois teóricos. Jameson trata do pós-modernismo a partir de um resultado de desenvolvimento histórico, ao contrário de Umberto Eco. O estudioso italiano não fecha o pós-modernismo em uma determinada época, porque considera o pós-modernismo uma forma de fazer, é, portanto, metahistórico: “el posmodernismo no es una tendencia que pueda circunscribirse cronológicamente, sino una categoría espiritual, mejor dicho, un Kunstwollen, una manera de hacer.” (Eco, 1985:28)

Ainda analisando o romance *O mundo alucinante*, a partir de suas características de romance histórico e ao mesmo tempo em um período pós-moderno, importante é a contribuição de Linda Hutcheon. A autora interpreta o termo romance histórico sob outro viés, chamando tais produções literárias de metaficção historiográfica, entendendo ficção e história como realizações históricas que se inter-relacionam, portanto:

“A metaficção historiográfica, por exemplo, mantém a distinção de sua auto-representação formal e de seu contexto histórico, e ao fazê-lo, problematiza a própria possibilidade de conhecimento histórico, porque aí não existe conciliação, não existe dialética – apenas uma contradição irresoluta.” (Hutcheon, 1991:142)

Hutcheon também irá destacar os processos de paródia e *pastiche* bem como a intertextualidade e as múltiplas vozes agindo como elemento responsável por colocar a verdade absoluta em xeque, provando a existência de “verdades” no lugar de uma só verdade.

Observam-se então, com relação ao pós-modernismo, diferentes perspectivas, embora acabem convergindo em alguns pontos. Jameson e Hutcheon parecem concordar na condição histórica do período pós-moderno seja no âmbito artístico como no cultural em um sentido amplo enquanto Umberto Eco se mostra bastante cético, pois entende que a aplicação do termo pós-moderno ocorre muitas vezes de formas equivocadas justamente por sua interpretação um tanto vaga.

## 2 Considerações sobre *O mundo alucinante*

Reinaldo Arenas, antes de iniciar sua intrigante narrativa sobre Frei Servando Teresa de Mier, declara que *O mundo alucinante* não se pretende romance histórico, e sim, simplesmente romance. Há por parte do autor cubano certo sentimento de hesitação – ou seria verdadeira repulsa? – com relação à ciência histórica. Importante transcrever aqui o trecho do prólogo de 1980, quando diz:

“A História recolhe a data duma batalha, os mortos que a ilustram, quer dizer, o evidente. Esses temíveis calhamaços resumem (e é bastante) o fugaz. O efeito, não a causa. Por isso, mais que na História, busco no tempo. Nesse tempo incessante e diverso,

o homem é a sua metáfora.” (Arenas, 2000:17)

A partir desse trecho, fica claro que Arenas não rejeita a História, apenas quer ir além dela, dando-lhe um caráter mais vivo e não apenas um compêndio amontoado de dados e números sobre batalhas e mortos. Reinaldo Arenas também se coloca na narrativa, quando “comunica” a Frei Servando que os dois são a mesma pessoa. Portanto, há o repensar o passado e, ao mesmo tempo, uma análise identitária por parte do autor que se confunde (ou apenas se pretende confundir) com a personagem prestes a ser ficcionalizada.

Frei Servando Teresa de Mier, agraciado pela incrível capacidade oratória, tendo a alcunha de Voz de Prata por conta de tal habilidade, pertencia à ordem dos dominicanos, recebeu o título de doutor em Teologia pela Real e Pontifícia Universidade do México aos 27 anos. O curso de seus sucessos é modificado precisamente em 12 de dezembro de 1794, quando em seu Sermão Guadalupano declara a existência de uma tradição cristã no período precedente da dominação espanhola. A partir daí, o Frei é expatriado para a Europa, iniciando-se um ciclo de fugas e constantes prisões, aguçando mais ainda o sentimento de independência e a formação de um espírito político libertador no frade.

Com enfoque nesse episódio da vida de Mier, Arenas abordará questões políticas envolvendo uma determinada sociedade, tendo ênfase certamente, a hispano-americana, sempre sob a marca de colônia, estigma imposto ao povo latino americano.

O romance, em suma, narra a movimentação de Frei Servando, protagonista da trama, que vai do México para a Europa,

bem como seu retorno. Da passagem pela Europa, sempre fugindo das prisões as quais é designado, Servando – junto com os outros dois narradores do romance – deixa para o leitor a impressão de todos os percalços vividos e suas constatações. Bastante peculiar é a narração feita pelos três narradores diferentes: em primeira, segunda e terceira pessoa. Além de tal complexidade de narração, Arenas introduz uma diversidade de gêneros no romance, que ocorrem simultaneamente ou em separado. Tais pontos específicos – narradores e mescla de gêneros – serão analisados detalhadamente a seguir.

### 3 A viagem como elemento integrador

*O mundo alucinante* divide-se em doze macro esferas, as quais se subdividem em capítulos menores. Esses grandes blocos estão representados pelos lugares percorridos por Frei Servando: México, Espanha, França, Itália, Espanha, Portugal, Inglaterra, Estados Unidos, México, Havana, Estados Unidos e México. Há o aspecto circular (saída e retorno ao México) somando-se às idas e vindas quando visita a Espanha e os Estados Unidos mais de uma vez.

Bastante frequente é o deslocamento do personagem principal, enfatizando a predominância das más condições sociais dos países que visita. Percebe a Europa, não como um continente civilizado ideal, mas um ambiente tão corrupto e miserável quanto o que deixou para trás nas Américas: “falando do que é a vila de Madri, já se supõe a desordem, angustura, maranha e tortuosidade de ruas, sem passeio nenhum.” (Arenas, 2000:110) Importante salientar que o

trecho transcrito é de autoria de Servando em sua *Apologia*, tendo sido incorporado ao texto por Arenas, sendo essa apenas uma das formas dialógicas exploradas pelo autor, a qual será tratada mais adiante. Ainda, essa constante perspectiva de Servando tomada negativamente em relação aos lugares pelos quais passa é justamente o motivo do uso da hipérbole, esse exagero que resulta no maravilhoso, enfatizando a intenção satírica, sobretudo mostrar que o homem americano não está aquém do homem europeu devido à condição de colônia de seus povos: os dois estão sob as mesmas condições.

Logo, o cerne da narrativa gira em torno da cadeia perseguição/prisão/fuga/nova viagem. Considerando a viagem como elemento responsável pelo deslocamento e amadurecimento do personagem principal, há de se levar em conta o modelo de cronotopo de viagem proposto por Bakhtin, que aplicou suas teorias ao romance antigo grego, já indicando o não encerramento da questão, mas a abertura das possibilidades apresentadas por Arenas. Segundo o modelo de cronotopo de viagem de Bakhtin:

“Os momentos do enredo e da composição do romance grego que são ligados à viagem por diversos países estrangeiros foram elaborados pelo romance geográfico antigo. Seu mundo não se assemelha ao mundo estrangeiro do romance grego. Em primeiro lugar, serve-lhe de lugar a terra natal, que dá os pontos de vista, as escalas, as abordagens, as apreciações, que organiza a visão e a compreensão das terras e das culturas estrangeiras (sendo que

seu próprio país não é obrigatoriamente apreciado de forma positiva, mas obrigatoriamente fornece suas normas e seus fundos)” (Bakhtin, 2010:228)

*O mundo alucinante* certamente não é um romance antigo grego, mas baseando-nos no trecho supracitado, é visível como a terra natal de Frei Servando é pano de fundo para todas as interpretações feitas por ele do território europeu. Apesar da não aceitação do regime estabelecido no México, Servando não vê em outro país visitado por ele uma mudança significativa das condições sociais. Bakhtin ao propor esse modelo de cronotopo de viagem afirma haver uma ênfase dada ao ato de viajar em detrimento do sujeito. Nesse ponto, a teoria bakhtiniana não pode ser aplicada em sua totalidade, pois o sujeito é de fato peça principal em *O mundo alucinante*, e modifica-se psicologicamente em virtude das viagens e de tudo o que vivencia nelas. Observa-se então, uma diferenciação na abordagem e sentido da viagem no romance.

Quanto ao contexto histórico, destacado justamente em virtude do tipo de romance que está sendo estudado – o histórico – pode-se dizer que vai do final do século XVIII até início do XIX, era das revoluções que eclodem mundialmente. Nesse período, a Europa vive uma dupla revolução, caracterizada tanto pela revolução industrial quanto pela francesa, de ordem econômica e política, respectivamente.

Para entender o romance de Arenas, pensar sobre a revolução francesa é o enfoque histórico principal, pois foi esse clima de ideias que, surgindo na França, espalhou-se mundialmente, criando o ideal da formação

de estados nacionais. Portanto, o pano de fundo histórico da narrativa é de teor revolucionário. Tanto no âmbito econômico quanto no político, os estados buscam emancipar-se e/ou modificar os ditames vigentes. O sentimento do protagonista Servando de Mier é de que os países pelo qual ele passa, cujos processos de revolução estão ocorrendo, enfrentam problemas de ordem social bastante similares aos do México.

Um exemplo que ilustra bem o contraste percebido por Frei Servando em sua passagem por terras estrangeiras se dá na Espanha, quando visita os jardins do rei. Servando de Mier, incansavelmente buscando as formas legais de conseguir a sua libertação, decide ir ter com o rei, a fim de pedir sua libertação. Eis que um jovem o guia pelos jardins e lá, Servando vê os mais diversos tipos de sujeitos: prostitutas, viciados, libertinos e corruptos. Por onde passam Frei Servando e seu guia, pelas três Terras do Amor, o jovem vai se inserindo no cenário, fazendo parte das orgias, possuindo prostitutas e homens além de consumir substâncias ilícitas. Por fim, o jovem confessa ser o rei, deixando Servando bastante estupefato, sozinho e sem esperanças de sua libertação:

“Não creio que sejas tão estúpido para pensar que existe algum modo de libertar-te. O procurares essa libertação já não é, por acaso, entregar-te a outra prisão, ainda mais terrível? Ou será que nada te serviu a excursão entre os “procuradores”? Além do mais, (...) supondo-se que encontres essa libertação, não seria isso mais espantoso do que a procura e, mais ainda, a própria prisão onde ima-

ginas que te encontras?” (Arenas, 2000:130)

Esse episódio é um dos mais emblemáticos do romance justamente por lidar com a presença do rei que pratica atos impróprios para alguém de sua posição, em princípio. Logo, nem na figura do rei Servando pode satisfazer suas expectativas. Outros episódios relatam um profundo desgosto com relação ao contexto, como, quando vai aos Estados Unidos pela última vez, antes de regressar ao México já independente. Nessa passagem, Frei Servando aponta a exploração que sofre em terras americanas, onde “por cada respiro há que pagar imposto.” (Arenas, 2000: 255)

De todo o conjunto dessas viagens infelizes e decepcionantes, surge em Frei Servando um sentimento de que as histórias se repetem independente do local físico, pois sempre há a dominância de uma camada social sobre outra, ocasionando conflitos. Pode-se observar o mesmo sentimento de repetição das desventuras em *O reino deste mundo* do escritor Alejo Carpentier, a partir da reflexão de Ti Noel sobre todo o seu percurso de vida como escravo até mesmo nas mãos de seus compatriotas.

Assim, encerra-se a análise sobre o sentido da viagem que imprimiu em Frei Servando de Mier não apenas marcas físicas, mas também psicológicas, gerando a reflexão sobre como ocorrem essas relações de poder nas sociedades.

#### 4 As múltiplas linguagens do mundo

Como já se pôde observar, a obra em análise abarca uma série de estruturas cujas relações

são de ordem complexa, as quais se entrelaçam a fim de produzir determinados efeitos de sentido. O dialogismo e o plurilinguismo são dois aspectos presentes – e essenciais – na narrativa de Arenas e serão analisados mais detalhadamente.

A fim de facilitar o entendimento desses dois processos em *O mundo alucinante*, parte-se das relações de dialogismo, as quais se dão de forma mais ampla – textos dialogando com o texto – para então se verificar o plurilinguismo, ou seja, a presença de várias vozes dentro da narrativa.

O termo dialogismo foi primeiramente utilizado por Mikhail Bakhtin e tal processo dialógico vem sendo estudado exaustivamente desde então. Para o filósofo russo, um texto nunca é puro, resultando sempre em uma comunicação contínua com outros textos que se comunicam com outros e assim por diante, criando uma imensa rede de relações. Ao observar a existência de tais encadeamentos, ele sistematiza diferentes tipos de dialogismo presentes em textos.

Em *O mundo alucinante* há um tipo de dialogismo no qual fragmentos de um texto exterior são trazidos integralmente a outro texto, a exemplo do que Arenas faz quando incorpora em sua narrativa excertos das obras de Servando, como *Apología* e também de um trecho da carta enviada por Teresa de Mier ao Frei Pascual de Santa Maria.

A própria construção circular da narrativa de viagens pode ser comparada com uma *Odisseia* aprofundada, pois ao contrário desta, cuja abordagem é o retorno de Odisseu, *O mundo alucinante* é ida e volta de Frei Servando. Isso também é um processo dialógico apontado por Bakhtin. Também há referência a Orlando, “estranha mulher” nas

palavras de Servando, personagem do livro homônimo de Virgínia Woolf, que também guarda as características ambíguas. Trata-se obviamente, de um anacronismo, uma vez que a obra de Woolf veio a ser publicada apenas no século XX. Interessante, ainda, fazer um paralelo com o *Inferno* de Dante, no capítulo em que visita os jardins do rei (já comentado no tópico anterior) em que um jovem o guia por um lugar repleto de ocorrências absurdas, bastante similares a um inferno.

Além das relações dialógicas supracitadas, observa-se, talvez a mais importante a respeito do gênero, a relação dialógica com a História, espécie de intertextualidade, termo utilizado por Julia Kristeva. Há também de ser considerada a relação dialógica existente entre os três discursos distintos que constroem *O mundo alucinante* em sua totalidade.

Passando para o plano dos diferentes discursos, é peculiar o trato dado por Reinaldo Arenas com relação ao narrador. A forma como o autor se posiciona diante da História-ciência está intimamente relacionada com a escolha dessas múltiplas vozes.

A primeira voz a surgir no romance é a de Servando de Mier, no primeiro capítulo I, subtítulo “De como transcorre a minha infância em Monterrey, junto com outras coisas que também transcorrem”. Nesse momento, há toda uma construção em torno das atitudes ousadas de Mier e suas consequências. Ao passar para o segundo capítulo I, subtítulo “Da tua infância em Monterrey, junto com outras coisas que também ocorrem”, a diferenciação começa pelo título: a mudança do pronome “minha” por “tua”, indicando o aparecimento de um narrador em segunda pessoa e, mudança também de

verbo: “transcorrem” por “ocorrem”, sendo o verbo “transcorre” suprimido no primeiro capítulo I<sup>1</sup>. Por fim, no terceiro capítulo I, tem-se o título “De como passou a infância em Monterrey, junto com outras coisas que também passaram”. Não há marca pessoal, e os verbos utilizados são “passou” e “passaram”.

Avançando sobre essas três vozes, o que ocorre é uma desconstrução progressiva do discurso. O primeiro apresenta Servando como vítima da perseguição por um professor. O narrador seguinte, em segunda pessoa, desconstrói todo o discurso dado pela voz anterior, provando que nunca houve perseguição do professor, nem irmãs, que nem sequer Servando estivera na escola naquela época. O terceiro narrador, impessoal, ressalta a imaginação fértil do Mier ainda criança e comprova informações dadas pelo narrador em 2ª pessoa, a de que Servando nunca estivera na escola, por exemplo. Assim, faz um contra balanço entre as duas vozes que coabitam o texto com ele.

A divisão dessas vozes de forma material, ou seja, apresentando os capítulos em três partes, acontece até ao capítulo II, voltando a ocorrer no capítulo VII. A partir daí, tem-se uma mescla das vozes, as quais nunca se confundem, nem narram em ritmo de continuação da outra voz. Mesmo aglutinadas no mesmo capítulo, cada narrador tem seu espaço para contar um evento específico, exclusivamente sob sua perspectiva.

Com relação à narração em primeira pessoa, fica clara a aproximação feita por Arenas de sua construção à da *Apologia* de Frei

<sup>1</sup>Me refiro ao “primeiro capítulo um” pois Arenas arquitetou três capítulos com o número 1.

Servando, escrita autobiográfica, sendo essa a essência da narração autodiegética.

Por outro lado, o narrador em segunda pessoa age como a consciência do protagonista, em tom confessional, questionador, ao dirigir-se ao “tu”, que é Servando de Mier. A hipótese mais plausível, nesse caso, é de que essa voz contestadora seja a de um homem que reflete sobre seus atos vividos já em um momento de maturidade. Enquanto a voz em primeira pessoa indica o presente, as situações imediatas de Servando, o narrador em segunda pessoa relembra e problematiza fatos vivenciados, por essa razão adicionando críticas, em grande parte das vezes: “Chegaste já de noite, pois não te cansaste de deambular por todo povoado e de pôr defeito em tudo. Tão jovem e tão reclamão! Tão jovem, e sempre fazendo reparos!” (Arenas, 2000:46)

Por fim, tratando-se do narrador onisciente, há uma espécie de estabilização das duas vozes, propondo-se à objetividade, já que a presença dos outros dois narradores é responsável pelo discurso da subjetividade.

Não obstante, a existência de outros tipos de discurso na obra permite o aparecimento de novas vozes, que estão fora dessas três já citadas. Por exemplo, no capítulo XI, especialmente ocorrido na Espanha, tem-se a presença de um poema. Logo, não há narrador, mas sim, um eu – lírico cuja predominância não tarda a desaparecer por uma série de diálogos, sendo assim, mais vozes aparecem, ganhando destaque o discurso popular. O final do capítulo é assinalado pelo narrador em segunda pessoa.

Afirma-se então que a variedade do dialogismo e do plurilinguismo no romance de Arenas é evidência de uma clara visão de como deve ser tratado o evento histórico,

dando a perspectiva diversa, nunca passível de ser cristalizada por apenas um sujeito, partindo-se da premissa de que a própria verdade é plural, multifacetada e, sobretudo, volátil.

## Conclusão

A análise detalhada das questões estruturais do romance de Arenas permitiu a verificação do elemento “viagem” não apenas como parte integrante essencial para o deslocamento do protagonista, mas também como grande influenciador na sua reflexão sobre normas políticas vigentes e aquilo que deveria fazer-se para modificá-las. A definição bakhtiniana de cronotopo de viagem permitiu o entendimento de algumas questões importantes, como por exemplo, terra natal como pano de fundo para a percepção do indivíduo a respeito de outros lugares. No romance, essa percepção e comparação são essenciais, pois põe em xeque a visão europeia sobre o homem americano e vai mais além: como o próprio homem americano se vê.

A intenção explicitada por Arenas no início de seu livro é levar Frei Servando de Mier ao conhecimento do público. Peça chave do processo de emancipação do México, não se pode tratá-lo como figura “menor”, mas sim marginalizado. Interessante é uma observação de Hutcheon sobre a intertextualidade pós-moderna e, portanto, observável em *O mundo alucinante*: “é uma manifestação formal de um desejo de reduzir a distância entre o passado e o presente do leitor e também de um desejo de reescrever o passado dentro de um novo contexto.” (Hutcheon, 1991:157) Assim o faz Arenas. Coloca todo o momento de revoluções vivido no século XVIII-

XIX por Teresa de Mier em seu contexto histórico, igualmente conturbado, do século XX.

Mesmo Arenas tendo declarado que o romance pretende ser “apenas romance”, não há como deixar de observar as características do novo romance histórico. A partir de uma figura histórica importante – mesmo tendo sido pouco valorizada – Arenas constrói uma grande paródia para discutir o quão absurdo pode ser o irracional humano, considerando todas as desventuras passadas por conta da postura de Frei Servando.

Não obstante, os três narradores envolvidos na trama tiveram por principal função mostrar a diversidade de percepções que se pode ter de um dado histórico e vai mais além: a própria verdade é múltipla, plural, pois é reproduzida a partir de um sujeito que a percebe. Portanto, a História oficial está sendo posta em xeque tal qual está sendo questionado o conceito de verdade, em consequência disso.

Importante ressaltar os recursos de carnavalização utilizados por Arenas, que em boa parte de seu romance aplica a prosa como discurso, entretanto insere em outro momento uma poesia para comunicar um acontecimento, resultando na intervenção de um eu-lírico em sua narrativa, portanto, estreitando – ou se poderia dizer apagando? – mais ainda as fronteiras entre o discurso histórico e o literário, dando atenção em especial às suas formas de expressão.

Sendo assim, *O mundo alucinante* é o novo romance histórico levado às últimas consequências: além de questionar a história oficial e o conceito de verdade, é por seus elementos e técnicas narrativos que transparece a pluralidade de vozes, de sentido, de histórias e de verdades.

## Referências

- Aínsa, F. (1996). “Nueva novela histórica y relativización del saber historiográfico”. in: *Casa de las Américas* (La Habana) (202), enero-marzo.
- Bakhtin, M. (2010). *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec, 6ª Ed.
- Eco, U. (1985). *Apostillas a El Nombre de la Rosa*. Barcelona: Editorial Lumen.
- Hutcheon, L. (1991). *Poética do Pós-Modernismo*. Rio de Janeiro: Imago. p.141- 202.
- Jameson, F. (1997). *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática. p. 27- 79.
- Menton, S. (1993). *La nueva novela histórica – definiciones y Orígenes. 1979-1992*. México: Fondo de Cultura Económica. p. 29-66.
- Perez, C. (1993). “Notas para la determinación y estudio de la novela histórica.” in: *Revista Islas 106*, septiembre – diciembre. Cuba, Universidad Central Las Villas.
- Rocha, C. (2009) “Frei Servando Teresa de Mier e os exotismos às avessas – o selvagem ilustrado desbrava as terras do Velho Mundo.” in: *Veredas da História*, nº 1, vol 2. Ano II.
- Saer, J. (2004) *El concepto de ficción*. Buenos Aires: Editorial Seix-Barral. p. 9-16.